

Resumo T5 - "A Realidade da Cultura" (Regis de Moraes)

Hernan Angulo - Nº USP:4525340

Com contribuições dos grupos e do professor

O texto de Regis de Moraes, extraído do livro "*A Filosofia da Cultura*", desenvolve uma abordagem sobre a construção técnica do termo cultura, considerando a evolução de seus sentidos ao longo do tempo.

A primeira análise do texto é da cultura como uma "herança social", definida pelo antropólogo C. Kluckhohn. Esta herança é transmitida desde o nascimento com o conjunto de linguagens, formas, costumes, sistemas relacionais e instituições. Segundo Kluckhohn, é "um dos fatores importantes que nos permitem viver juntos numa sociedade organizada, fornecendo-nos soluções prontas aos nossos problemas, ajudando-nos a prever o comportamento dos outros e permitindo que os outros saibam o que esperar de nós" (1963: pp. 36-37). Porém, toda a herança recebida por um indivíduo não será necessariamente mantida por ele, pois existe a capacidade humana de transformação dessa herança. Como destaca o autor: "esta é a razão pela qual sempre se costuma lembrar que o homem é pai das suas obras e, ao mesmo tempo, é filho delas". A vida cultural é, então, a relação estabelecida no contraponto entre a liberdade (de um homem como agente) e o condicionamento (sofrido por um ser humano que é paciente).

O autor destaca neste primeiro momento que a realidade cultural não se trata de uma somatória. O cultural é a síntese dos pensamentos e ações individuais, integrando o particular de cada indivíduo para dar origem a uma realidade mais ampla e peculiar.

A próxima análise do texto de Régis de Moraes se refere à evolução do conceito de cultura. Seu conceito "técnico", aquele que conhecemos hoje demorou para se estabelecer. Na Antiguidade romana, por exemplo, a cultura era um adjetivo, um vocábulo que compunha diferentes conceitos, sem força substantiva. No contexto medieval, o vocábulo estava ligado aos privilégios das classes ligadas aos estudos. Mais tarde no contexto renascentista, cultura apontava para o conhecimento do passado "clássico", ligado à preocupação do bem falar e do bem escrever. No contexto enciclopedista, cultura se associava à ambição de conhecer tudo. Com o evolucionismo e o positivismo, a ideia de progresso a partir das ciências e técnicas leva às noções de países cultos e incultos, ou civilizados e incivilizados. A propósito, com a inspiração das teorias de Darwin, o evolucionismo defendia que as sociedades se desenvolveriam de um modo progressivo. Desta forma, haveria uma evolução por etapas, sendo a Europa a civilização mais avançada.

Em meio a um debate propondo a distinção entre cultura e civilização, o sentido posterior de cultura é aquele formatado na antropologia, reconhecendo que os diversos povos têm sua cultura, como maneira própria de viver. Cada vez mais, um relativismo cultural foi reconhecido como base da antropologia.

Mesmo se o questionamento sobre a cultura seja muito antigo, foi após o conceito técnico antropológico que ganha força na análise filosófica e científica. Assim, segundo palavras do próprio autor, "assumindo sua proposta muito mais abrangente de se constituir numa reflexão sobre a forma própria de um povo viver, aí incluindo as questões atinentes a como este povo faz para sobreviver, como ele desenvolve as suas formas sociais de convivência e, finalmente, como este povo exprime a aventura de sua vida em produções religiosas, artísticas, filosóficas ou científico-tecnológicas".

Edward B. Tylor é o autor que muitos consideram ter criado o primeiro conceito científico de cultura em 1871, tal como destacado por Regis de Moraes: "cultura ou civilização, tomado em seu sentido etnográfico lato, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Tudo que nasceu da inteligência, intencionalidade e habilidade do homem compõe a cultura.

Regis de Moraes ainda aborda o ser humano como ser biológico, que ao contrário de outras espécies, não possui em seus genes uma especialização genética voltada para a organização social. Em seres irracionais, como abelhas e formigas, nota-se que sua complexa organização social é determinada pelo aparato genético de cada um dos componentes. Não há necessidade de nenhum ensinamento prévio de socialização para a vida coletiva.

No caso dos seres humanos, há necessidade de um aprendizado para a vida social. Aliás, o autor prega que a falta de especialização genética é amplamente compensada em inteligência e criatividade, que outras espécies não possuem. Neste ponto, convém observar que é ambígua a passagem na qual o autor considera que "há evidências de que o homem tenha percorrido a trajetória que leva de um estado inicial de isolamento (quase sempre mortal) a condição atual e complexa de ser tipicamente social". Ora, o ser humano enquanto ser social, cujo comportamento e sobrevivência depende essencialmente de seu convívio com indivíduos da mesma espécie, leva a considerar que o homem é, por natureza (aqui sim), incapaz de viver de outra forma se não em grupo. Imaginá-lo como um indivíduo capaz de viver isolado implica em dissociá-lo de sua essência.

De toda maneira, Moraes completa seu pensamento considerando que ao se "plantar" um ser humano, está plantada uma grande interrogação, onde existe uma potencialidade para as mais diversas possibilidades. Aqui convém pensar que a criação cultural surge das necessidades profundas do homem, dos traços culturais mais humildes aos mais complexos, o que pode ser associado à plenificação humana. Tal processo ocorre graças à criatividade do homem, a partir da existência do que Aristóteles chamava de potência. Em sua ótica, o homem nasce como qualquer outro animal, mas com o potencial de se desenvolver como ser humano ao longo de sua existência. Este desenvolvimento, graças às interações sociais, lhe permitirá criar cultura, o que promove, então, o plenamento humano.

Regis de Moraes destaca ainda a linha de pensamento do antropólogo Malinowski, seguida por Darcy Ribeiro que conceitua cultura como: "a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação". Nessa conceituação, podemos perceber a existência de três sistemas que constituem a cultura: um adaptativo, que aborda as adequações entre homem e natureza e foca a questão da sobrevivência; um associativo, que se interessa pelas relações intersubjetivas e pelas organizações da vida humana e; um sistema ideológico, que aborda a expressividade do homem em produções religiosas, artísticas, filosóficas e científico-tecnológicas.

O texto veicula ainda que cultura é sempre dotada de sentido e é o conjunto de fios de mesmo comprimento reunidos paralelamente que, como no tear, se faz a trama. Entende-se que as formas de convívio e socialização estão conectadas num complexo enredo. Com efeito, sempre existirá muitos sentidos, pois o ser humano é movido pela necessidade, que leva à descoberta das possibilidades, que por sua vez fomentam a sua imaginação e o fazem ultrapassar o campo da necessidade.

A cultura, então, possui uma rede de densos de significados que lhe dão sentido. A circulação de sentido resulta numa relação de constante oposição entre valor e valoração. E desse modo se constitui uma "forma de viver" que traz ao mesmo tempo características estáveis e outras suscetíveis a mutações. A cultura é uma continuidade de transformações, mas também é uma necessidade humana. Nas palavras do autor, o homem "inventa uma ponta de pedra lascada para caçar, porque tem um tipo de fome; e inventa o canto lírico, porque tem outro tipo de fome cujo alimento descobre que pode alcançar".

Referências bibliográficas

KLUCKHOHN, Clyde (1963), *Antropologia: um espelho para o homem*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.